

Domingos Olímpio: o escritor, a obra e os espaços de escrita

*Igor Emanuel Ramos Barroso**

Resumo

O artigo pretende refletir a relação entre história e literatura numa perspectiva científica de compreensão do papel do escritor enquanto agente do desenrolar dos fenômenos históricos que compõem o romance naturalista, *Luzia-Homem* de Domingos Olímpio. Assim sendo, o conceito de representação da história cultural e dos espaços de escrita que têm como expoentes Roger Chartier e Sandra Pesavento norteará nosso aporte metodológico, também iremos discutir a definição de autor e obra no final do século XIX, apontando as especificações históricas desses conceitos. Portanto, a escrita percebida pelo historiador como elemento de construção da representação da sociedade, é então, parte dessa concatenação social que obra e escritor possuem, já que o romance e o escritor se mesclam como partes de um contexto historicamente estabelecido pela experiência social de ambos. Deste modo, a obra surge como consequência de fatos que permeiam o ambiente social de Domingos Olímpio, *Luzia-Homem*, neste caso, se apresenta como ação direta do escritor às estruturas sociais que constituem a representação de uma determinada realidade histórica. Logo, a formação intelectual e a experiência do autor Domingos Olímpio, marcam a problemática central do artigo, no que concerne a tentativa de compreender o romance do século XIX e a sua constituição histórico-social. Assim, obra, autor e sociedade estão ligados pelo protagonismo das relações de poder estabelecidas na sociedade cearense do século XIX. Portanto, no que concerne aos resultados, percebemos que produção de Domingos Olímpio foi vista como uma tentativa de construir espaços simbólicos no campo das letras, pois era necessário se distanciar das velhas narrativas de uma elite do atraso, estabelecendo espaços de afirmação e ascensão de uma elite vinda do sertão que representava o ideal cidadão.

Palavras-chaves: Domingos Olímpio; *Luzia-Homem*; Espaços de Escrita; Representação.

Abstract

The article intends to reflect the relationship between history and literature in a scientific perspective of understanding the role of the writer as an agent of the unfolding of the historical phenomena that make up the naturalistic novel, *Luzia-Homem* de Domingos Olímpio. Therefore, the concept of representation of cultural history and writing spaces that have as exponents Roger Chartier and Sandra Pesavento will guide our methodological contribution, we will also discuss the definition of author and work at the end of the 19th century, pointing out the historical specifications of these concepts. Therefore, the writing perceived by the historian as an element of construction of the representation of society is then part of this social concatenation that work and writer possess, since the novel and the writer merge as

* Mestre em História Cultural pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e atualmente graduando em Letras Português pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA).

parts of a context historically established by the social experience of both. Thus, the work arises as a consequence of facts that permeate the social environment of Domingos Olímpio, *Luzia-Homem*, in this case, presents itself as a direct action of the writer to the social structures that constitute the representation of a certain historical reality. Therefore, the intellectual formation and experience of the author Domingos Olímpio, mark the central problem of the article, with regard to the attempt to understand the novel of the nineteenth century and its historical-social constitution. Thus, work, author and society are linked by the protagonism of the power relations established in the society of Ceará of the nineteenth century. establishing spaces for affirmation and rise of an elite from the backcountry that represented the city ideal.

Keywords: Domingos Olímpio; Luzia-Homem; Writing Spaces; Impersonation.

Introdução

A história, como narrativa constituída na observação do passado como instrumento de compreensão das problemáticas que o tempo presente nos impõe, propõe abordar a fonte literária sob o viés da conexão do autor, obra e público como parte essencial daqueles que veem na literatura a possibilidade de abrangência do processo histórico. Assim, o artigo tem como pressuposto base traçar o perfil histórico do escritor sobralense Domingos Olímpio, atentando sobretudo, para concatenação entre o intelectual e o seu tempo, para então discutirmos as questões que compõe a escrita ficcional e a produção do romance *Luzia-Homem*, cuja narrativa foi baseada na experiência do autor, quando este residia na cidade de Sobral – CE, no ano de 1872-1879.

Assim, a relação romance-autor é base cabal da metodologia de análise que seguiremos neste trabalho. O perfil histórico do escritor é parte da definição de “indivíduo”, aqui compreendido como sujeito histórico, e o escritor este entendido como agente descolado da definição de “cidadão”, ou seja, alguém que do seu lugar social analisa e toma posições ideológicas. Portanto, nosso intuito é explanar os conceitos acima citados para então, pensarmos a relação que o romance tem com o escritor, ou seja, a obra como produto de uma temporalidade que navega sob a ótica da narrativa histórico-ficcional, que se relaciona com o autor a partir do distanciamento que este mantém da noção do “eu”, enquanto participe histórico, portanto, conectado com sua vida social e com as especificidades histórico-políticas.

Antônio Candido em *Literatura e Sociedade* traz uma discussão singular para se compreender o conteúdo social de um romance e como ele está integrado às experiências sociais do autor, para então interligarmos a transfiguração do indivíduo no escritor/intelectual,

Domingos Olímpio...

que entendemos ser a definição do homem de letras dentro do processo histórico, aparentemente imune às influências da sociedade, pois o romance naturalista do XIX, tendia a ter o papel denunciador dos vícios da sociedade. Deste modo, nos diz, Antônio Candido:

Assim, a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação. O grau e a maneira por que influem estes três grupos de fatores variam conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros se manifestaram mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores, os segundos, na forma e conteúdo da obra, os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.¹

Nesta passagem, Candido evidencia aspectos da produção artística do literato, ele compreende o escritor como um artista, e por isso seu trabalho é pautado pelas influências socioculturais que define os rumos da escrita. Assim, seria difícil ignorar a estrutura social que compõe os posicionamentos ideológicos do autor. Segundo Candido, essa externalidade que o autor traz para a obra, leva-o a um processo de fabricação de um modelo de narrativa, que Candido classificou em quatro pontos cruciais, que levariam a necessidade do fazer literário.

Portanto, a importância que o tempo exerce sobre uma obra é inerente ao processo de feitura pela qual um romance sofre. Portanto, as partes socioculturais que permeiam a escrita de Domingos Olímpio, demonstrada a partir dos problemas suscitados em *Luzia-Homem*, demarca um aspecto da necessidade daqueles que pesquisam literatura, em que a escrita expõe as tendências políticas da escrita, explorando a dimensão do sujeito, como parte da realidade projetada em estruturas narrativas.

Domingos Olímpio: o escritor e seu tempo

O trabalho problematiza o perfil biográfico do escritor Domingos Olímpio e objetiva contextualizar o ambiente social e histórico do Ceará na segunda metade do século XIX, salientando assim as nuances da produção literária do referido escritor. Deste modo,

¹ CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2019, p. 31.

pretendemos discutir o conceito de “função-autor” de Michel Foucault, para adentrar na pluralidade da analogia escritor-indivíduo e os espaços de escrita, especificando como os elementos da biografia do escritor se relacionam com a sua produção literária, para então, discorrermos na personalidade literária e nas perspectivas ideológicas que possuía, enquanto intelectual, e de como elas se confrontavam com a sociedade da época, pavimentando assim a produção do romance, *Luzia-Homem*.

Assim, ao nos debruçarmos sobre o intelectual Domingos Olímpio, indivíduo e escritor surgem na narrativa confeccionada em *Luzia-Homem* partir das tensões evidenciadas ao longo do romance. Além do mais, discutiremos as abordagens da produção literária do romance através de crônicas, contos e das peças de teatro, também percorreremos a trajetória política de Domingos Olímpio nos centros urbanos daquele início de século XX, visando, sobretudo, captar a experiência vivenciada pelo escritor.

Logo, este trabalho é uma tentativa de abordar de forma histórica a apropriação da representação do escritor Domingos Olímpio, aqui entendido na relação entre autor e público. Além de analisarmos aquilo que diz respeito a produção literária no período posterior a Proclamação da República e do mercado literário do início do século XX, já que os escritores do Ceará vinham se destacando no cenário nacional. Portanto, nosso objetivo está direcionado para as expansões histórico-sociais que levaram a publicação de *Luzia-Homem*, sobretudo no que concerne ao papel dos intelectuais cearenses na literatura brasileira, especialmente, Domingos Olímpio.

O Ceará na segunda metade do século XIX estava impregnado de narrativas que seguiam as correntes estéticas da época, discursos estes que chegaram à província através do fortalecimento da intelectualidade cearense, que visava o progresso e à adesão às novas matrizes culturais vindas da Europa. Portanto, as transformações na sociedade cearense versavam acerca das novas relações no ambiente urbano, que condicionaram à incorporação de uma retórica-discursiva de modernização do espaço público/privado em toda a província.

Neste caso, tais práticas se expandiram através da província padronizando os espaços de convivência e lazer da cidade, ambientes das recentes normas de convivência da sociedade cearense, como constatamos no trecho abaixo:

Toda essa efervescência intelectual, com grandes consequências políticas, é registrada e amplificada pela imprensa, sem dúvida um dos principais agentes

de modernização do país e do nascimento da chamada opinião pública. Nesta época, os jornais, junto com os livros, se fortalecem como vetores de autonomização moral da sociedade, principalmente frente aos ditames da Igreja, e de formação do povo como o novo sujeito da era político-eleitoral que começava então e perdura até hoje.²

Deste modo, o surgimento de uma sociedade valorizadora de tirocínios e costumes pautados na idealização de uma nova visão de cidade, serviu de base para o advento de modelos administrativos baseados numa narrativa legitimadora desses hábitos. Os jornais e os livros se proliferavam com discursos influenciadores da chamada “opinião pública”. Assim, é neste Ceará que Domingos Olímpio formatará sua opinião política e se autodefinirá como intelectual a partir do seu lugar de fala e ação, sendo, portanto, um dos agentes propagadores da dita “modernização” da província. Destarte, serão as transformações de seu tempo que definiram a construção de Domingos Olímpio, enquanto escritor.

Do mesmo modo, no ano de 1850 na tímida cidade de Sobral – CE da segunda metade do século XIX, naquele período o Brasil vivia o auge do Império. Os anos anteriores não haviam sido favoráveis ao governo imperial, devido as questões envolvendo debates políticos na Corte³, acerca, principalmente da ascensão ao trono do jovem imperador D. Pedro II. Nesta espiral de acontecimentos a “Fidelíssima Cidade de Januária do Acaraú” ou Sobral, elevada à categoria de cidade em 12 de janeiro de 1841, recebe o pomposo nome devido a lealdade ao Império, quando do “Golpe da Maioridade do imperador D. Pedro II”, como nos mostra o Pe. Francisco Sadoc de Araújo em *Cronologia Sobralense*.⁴

² CORDEIRO, Celeste. O Ceará na segunda metade do século XIX. In: SOUSA, Simone (Org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015, p. 136.

³ O período que vai de 1841 a 1864 representa um importante momento para a consolidação da monarquia no Brasil. As rebeliões regenciais da Bahia, Pará e Maranhão estavam debeladas com a ajuda do barão de Caxias, que se transformou numa espécie de herói local. Nesse mesmo momento, o Gabinete da Maioridade anistiou os “rebeldes” que se entregaram às autoridades e, assim, o término das rebeliões separatistas foi celebrado como um novo começo, acima das possíveis divisões partidárias. SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 271.

⁴ [...] 7 de março (6°-feira): Por Carta Régia foi criada uma junta de Missões, com sede em Recife, com o fim de organizar a catequese de toda a região norte do Brasil. Nesta Junta de Missões foi estudada a possibilidade de criação de um curato na Ribeira do Acaraú, com o fim de catequizar os gentios da Capitania do Ceará, em vista das circunstanciadas informações de Frei Cristovam Lisboa, encaminhadas anteriormente e por instância do Capitão-mor Sebastião de Sá. O primeiro cura só chegaria, porém, em 1712 e o curato só seria criado oficialmente em 1722. [...] (3°-feira) Pela Lei 229, assinada pelo Presidente Alencar, a Vila Distinta e Real de Sobral é elevada à categoria de Cidade [sic] com o pomposo nome de Fidelíssima Cidade de Januária do Acaraú. Alencar tomou esta decisão poucos dias após seu retorno a Fortaleza, procedente de Sobral, vitorioso da sedição que tentou derrubá-lo do poder. A cidade foi nomeada de fidelíssima” pelas demonstrações de apoio ao seu governo e ao Império e “Januária” em homenagem à irmã de Dom Pedro II. ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense*. Volume III (1840-1880). 2ªed. Sobral: Imprensa Universitária; Fundação Vale do Acaraú, 2015, p. 5-54.

Sobral mudara de posição devido a sua postura contra os revoltosos, mancomunados para derrubar o presidente da província. A elevação à cidade impulsionou modificações de ordem estrutural, como a criação de instituições públicas e o fortalecimento dos grupos políticos locais. Manter-se fiel ao governo imperial rendeu prestígio à cidade de Sobral, fazendo com que a região galgasse *status* perante o presidente da província, José Martiniano Pereira de Alencar, o pai do escritor José de Alencar.

No entanto, a história de Sobral tem seu início durante o período colonial nos séculos XVI e XVII, quando se dá o processo de ocupação do território onde hoje é o Ceará. Em relação a essa temática, Glória Mont'Alverne Girão nos fala que com a ocupação pelos franceses da Capitania do Maranhão a região Norte da província do Ceará foi transformada em ponto estratégico de disputa militar, sendo o território retomado pela Coroa portuguesa, posteriormente.⁵

A localização privilegiada da região Norte da província facilitou a reconquista do território ocupado pelos franceses. Após à reconquista da Capitania, a coroa iniciou um plano de reestruturação a partir da doação de terras para os colonos, conhecidas como sesmarias elas foram fundamentais para o processo de controle da terra, e uma dessas sesmarias é onde hoje se encontra a cidade de Sobral.

Às primeiras terras doadas pelos portugueses aos sesmeiros possuíam como objetivo “catequizar” os nativos da região do Acaraú. Portanto, a ocupação das ribeiras do rio Acaraú se deu logo depois do controle da capitania do Maranhão. Lá, a coroa portuguesa possuía um plano de dominação da terra, até então, desconhecida pelos colonizadores, efetivado a partir da doutrinação dos nativos da região. Deste modo, tem-se o embrionário surgimento do primeiro núcleo de povoação às margens do Acaraú.

Portanto, a formação do núcleo urbano da cidade de Sobral pode ser compreendida a partir de três ciclos econômicos: a pecuária foi à primeira fase. A ribeira do rio Acaraú tornou-se um importante ponto de parada tanto para os viajantes, quanto para o gado que vinha de outras províncias ao Ceará. Sobral se transformou num entreposto comercial, com fazendas para auxiliar os grupos que se deslocavam entre o norte do Ceará e a capitania do Maranhão.

⁵ GIRÃO, Glória Mont'Alverne. As transformações socioculturais em Sobral (1870-1920). Dissertação (Mestrado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001, p. 30.

Domingos Olímpio...

O segundo ciclo é o do comércio – no início do século XIX, com o declínio das “oficinas de Charque” no final do século XVIII, o algodão ganhara centralidade na economia da província. Glória Mont’Alverne Girão explica esse processo de transição e fortalecimento do plantio de algodão em toda a província:

O algodão foi o produto que impulsionou o comércio na metade do século XIX. Uma transformação ocorreu no sistema econômico cearense: o aumento populacional e concorrência com a carne do Rio Grande do Sul inviabilizaram a pecuária como base econômica. O algodão, sobretudo nos anos de 1860 a 1870, com a alta do preço do produto determinado pela guerra civil norte-americana, transformou Fortaleza em grande centro exportador, para onde convergiam todas as energias econômicas da Província, especialmente da região norte em Sobral, onde o algodão era matéria-prima das mais produzidas.⁶

A exportação da matéria-prima tinha em Sobral um dos núcleos produtores que alimentava a economia da capital Fortaleza, e assim o desenvolvimento econômico proporcionou a cidade uma pequena ascensão política conforme o crescimento populacional e estrutural da região. A cidade de fato cresceu e isso foi tido como o auge da prosperidade. O desenvolvimento econômico de Sobral foi um ponto importante a se destacar, pois com o acúmulo de capital produzido pela predominância da venda de algodão, pois o produto foi o impulsionador da economia local, possibilitando a expansão do núcleo urbano, sobretudo com obras públicas, centradas na infraestrutura da cidade.

Assim, o capitalismo rural substituído por um sistema industrializado no Brasil, favoreceu a acumulação de capital, refletindo nas mudanças advindas com o novo sistema econômico. No Ceará, a seca de 1877-79 que castigava a província serviu de impulso para acelerar o processo de assimilação da mão de obra avulsa dependente das políticas do governo provincial.

Em meio a um cenário de metamorfoses constantes e consolidação dos grupos detentores de poder, numa região que extraía do algodão e do comércio de charque suas fontes econômicas a elite começou a enviar seus filhos para outras regiões do país e da Europa com objetivo de complementar a formação acadêmica dessa geração. No interim desses acontecimentos, nascia a 18 de setembro de 1850 na cidade de Sobral, Domingos Olímpio

⁶ GIRÃO, Glória Mont’Alverne. A ferrovia e a cidade: desafios da modernidade em Sobral (1870-1920). Sobral: Ecoa, 2015, p. 33.

Braga Cavalcanti, o escritor era filho de uma família rica da região e como seus compatriotas, sua estadia em Sobral foi apenas na infância,⁷ tendo ido estudar direito no Recife.

Um intelectual à moda sobralense: Domingos Olímpio, escrita e seca

Ao investigar a trajetória de Domingos Olímpio verifica-se que o escritor era um intelectual de intensa atividade jornalística e político-partidária. A vida de acadêmico em Pernambuco, na década de sessenta do século XIX, foi marcada pela inserção do escritor no mundo da imprensa. Mais tarde, jornais como *O Paiz*, *Jornal do Commercio* e *Jornal do Brasil*, todos periódicos do Rio de Janeiro quando da publicação de *Luzia-Homem* (1903), proporcionariam o sustento do escritor e o instrumento de divulgação de seu trabalho.

A formação educacional de Domingos Olímpio foi relatada em sua autobiografia, citada pelo padre João Mendes Lira:

Eu me formei, como se formam as rochas, por um processo de aglomeração lenta, imperceptível, sem plano, sem coordenação sistemática, cujas cristalizações vão assumindo formas monstruosas ou pitorescas, sob a ação das intempéries, as erosões do ambiente [...]. Estudei as primeiras letras pelo método de Castilho; aprendi cantando umas toadas melancólicas ensinadas pelo professor Joaquim Frederico Niaque da Costa Rubim, português de origem, morto como um bravo, no Paraguai, em defesa da Pátria adotiva. Dessa escola, eu e o Domingos Jaguaribe, saímos laureados com a medalha de ouro para curso de latim, do Padre Antônio da Silva Fialho.⁸

Na citação, vê-se Domingos Olímpio narrando sua formação educacional na década de 1860. Ao relatar sobre o alfabeto e sua iniciação no universo dos livros e manuais escolares de seu tempo, destaca-se na fala do autor a metáfora entre a alfabetização e o processo natural da formação das rochas. Assim, ele fantasia sua vida de estudante com a lapidação da pedra

⁷ Domingos Olympio (sic) Braga Cavalcanti, filho de Antonio Raymundo de Holanda Cavalcanti e Rita de Cassi (sic) Pinto Braga (Rita de Cassia Cavalcanti depois do matrimônio), nasceu em Sobral, Província do Ceará, a 18 de setembro de 1850. Estudou em cursos preparatórios em Fortaleza, e formou-se em Direito na Faculdade de Direito do Recife em 1873. Começou a escrever na imprensa da capital pernambucana nos tempos de acadêmico. Formado, voltou ao Ceará, onde passou a exercer a advocacia. Casou-se em primeiras núpcias (sic) no ano de 1875 com D. Adelaide Ribeiro (Cavalcanti), consórcio de que lhe vieram duas filhas. Foi depois nomeado promotor público de sua cidade natal (Sobral). LIRA, João Mendes Lira. *A vida e a obra de Domingos Olympio*. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1977.

⁸ Idem, p. 17.

Domingos Olímpio...

bruta, utilizada para ilustrar o nascimento do “homem de letras”, do rústico, moldado pelo meio letrado que o cercava.

Portanto, desde o seu regresso ao Ceará em 1872, Domingos Olímpio acabou despertando a admiração de uma parcela dos sobralenses. Isso em parte devido ao trabalho que exerceu na cidade antes de ir embora, no ano de 1879, para região amazônica. Domingos Olímpio enquanto intelectual sempre foi tratado como o “arauto da intelectualidade sobralense”, um discurso de engrandecimento construído pela elite letrada da cidade nos anos trinta do século XX.

Assim, em *História da Literatura em Sobral*, o padre Sadoc de Araújo apresenta o escritor Domingos Olímpio como um intelectual reiteradamente possuidor de qualidades que o destacavam dos seus pares. O imaginário sobre ele foi construído sob o prisma do “devorador dos livros” ou “epicurista das letras”, como podemos ver nessa passagem:

Nessa dolorosa situação, busquei as impressões de leitura como lenitivo a minha grande mágoa. Todo o tempo excedente às preocupações da promotoria pública de Sobral, era consumido, na ânsia do atordoamento de devorar livros, sem escolha, desordenadamente, numa fome implacável. Havia em Sobral, um epicurista das letras, que acumulara, pacientemente, num trabalho erudito, numa bela vivenda do subúrbio da cidade, os mais notáveis produtos da inteligência humana.⁹

Neste trecho, Sadoc de Araújo projeta a imagem de Domingos Olímpio como um autor conectado à intelectualidade local e nacional, aqui Sadoc, usa alegorias com sua terra natal para descrever o desejo do escritor pelo conhecimento. Assim, parece que seu destino estava delineado: viverá para erudição. O marco que legitima a representação de Domingos Olímpio é a adjetivação de “epicurista das letras”, Pe. Sadoc, denota sua apropriação do imaginário sobre o escritor, comparando-o a um seguidor de Epicuro, portanto, o intelectual nasce nos discursos de representações daqueles que se apropriaram de sua imagem e fomentaram a representação de douto.

Assim, a cidade de Sobral surge como o espaço do qual a escrita de Domingos Olímpio emerge, pois, sua narrativa leva a crer que é nela, e para ela, que o produto de sua inteligência nasce. A inspiração é o ambiente devastado pela seca, mas também é o da “formosa cidade intelectual”, fabricada na imagem de que o autor desenvolveu no processo de diferenciação

⁹ ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *História da literatura em Sobral*. Sobral: Imprensa Universitária, 2011, p. 29-30.

entre o conceito de cidade e de “cidade das letras”. Destarte, a própria elite da cidade vai legitimar a suposta origem da cidade letrada. Bem como, salientou Dênis Melo:

O escritor é reiteradamente apropriado pela elite letrada da cidade e transformado numa espécie de “patrono da intelectualidade” sobralense. Sua obra, e em especial *Luzia-Homem*, acende o estopim de um orgulho indisfarçado, de um potencial intelectual considerado desmedido, transformando a obra numa espécie de epopeia [...] Domingos Olímpio deste modo se transforma por esse discurso não só no grande escritor, mas acima de tudo no que seria supostamente o exemplar fiel do intelectual sobralense.¹⁰

Revestido sob a armadura de “homem de letras”, Domingos Olímpio foi alçado à posição de pioneiro no entendimento sobre a cultura, política e as mudanças da sociedade sobralense do século XIX. Seu protagonismo se deu, com relação a produção da intelectualidade, tanto local como a nível regional na Província do Ceará no século XIX. No entanto, nos longínquos anos de 1903 no Rio de Janeiro, separado de sua cidade natal o saudosismo invadiu sua prosa o que não poderia ser diferente. Domingos Olímpio lembrou em sua autobiografia momentos que marcaram sua infância em Sobral na década de sessenta do século XIX:

Lembro-me bem que estava eu agarrado ao “Le Roi S’amuse”, quando toda a cidade de Sobral foi sacudida pela explosão de dois barris de pólvora da fábrica de foguetes do Galdino Gondim, muito atarefado em preparar fogos de artifícios para a festa de N. Senhora da Conceição [...]. O espetáculo do incêndio, meu pai, que era delegado de polícia, arrojando-se corajosamente às chamas, no meio da fuzilaria dos foguetes a explodirem aos milhares; o estrondo das bombas reais dos busca-pés que rebeavam numa doídice ígnia, abrindo brechas na multidão de espectadores, arrebatados de pânico; os painés artísticos com a imagem da Virgem Sorridente, pintados pelo João Braga, no meio de uma apoteose de fogos de bengala e repuchos das faíscas deslumbrantes; os feridos tirados dos escombros, deixando nas mãos dos bravos condutores a pele torrada, os seus gemidos lancinantes, a dolorosa expressão dos olhos sem sobrancelhas, sem pestanas – esse espetáculo me gravou no coração o sentimento trágico que foi, depois, a nota dominante todos os meus primeiros ensaios de escritor.¹¹

¹⁰ MELO, Francisco Dênis. *Os intelectuais da academia sobralense de estudos e letras (ASEL) e a invenção da cidade letrada (1943-1973)*. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013, p. 53.

¹¹ Idem.

Domingos Olímpio...

Aqui, o intelectual se transveste de indivíduo, a tragédia foi um tema comum na vida de Domingos Olímpio, esse acontecimento acabou dando-lhe a dimensão do que era a vida e a morte para o escritor, segundo alguns de seus biógrafos¹² essa visão da tragédia foi um aspecto corriqueiro na sua prosa, tendo sido ela a expressão máxima do seu principal trabalho, *Luzia-Homem*. Por ter vivenciado esse drama, refletiu nos seus textos as mazelas do sofrimento humano, dos desprotegidos e daqueles jogados à sorte. O realismo de seus textos e a dureza da vida que a sua narrativa leva ao leitor são frutos dos testemunhos que assinalaram sua trajetória, moldando a personagem do intelectual engajado.

O trágico nasce em *Luzia-Homem*, com a chegada da estiagem de 1877-79, como elemento predominante na construção de uma narrativa alarmante. O cenário dominado pela fome, miséria e violência se confunde com a cidade de ruas largas e alinhadas, e com as transformações que Sobral vivenciou durante a década de 1870. Muitas dessas mudanças ocorreram durante as quatro últimas décadas dos anos de 1800, tais como a chegada da ferrovia em 1882, símbolo da modernidade no século XIX, ligando Sobral a cidade de Camocim no litoral Norte, a região ganharia um elemento transformador no cotidiano da população elitizada, com a ferrovia os sobralenses poderiam consumir artigos vindos da Europa e assim, legitimar os discursos da elite local.

Os fragmentos da memória de uma cidade dos anos de 1870, que já não existia mais, choca-se com o desejo do autor de regressar a terra que havia deixado. Esta visão lhe possibilitou representar e exaltar o espaço do qual fez parte, citado nas primeiras páginas de *Luzia-Homem*: “No cabeço saturado de sangue, nu e árido, destacando-se do perfil verde-escuro da Serra da Meruoca, e dominando o vale, onde repousava reluzente ao sol, a formosa cidade intelectual¹³”.

O choque de narrativas contraditórias, perpassa a escrita de Domingos Olímpio quando tenta impor ao leitor a representação de uma Sobral como o berço de uma “elite de intelectuais distintos”. O simbolismo da cidade como espaço não de retirantes, mas de um ambiente cultural que almejava o conhecimento, prefigurava a iniciativa do autor de alimentar o sentimento de “civildade”, que incluía a exclusão de outros atores sociais, haja vista que a

¹² Entre seus biógrafos está Guilherme Barão de Stuart com textos de 1910, 1913 e 1915 e Gustavo Barroso com um prefácio à segunda edição de *Luzia-Homem* em 1929. No entanto, o principal biógrafo e pouco conhecido entre o grande público é o padre João Mendes Lira que escreveu três livros referentes a vida e a obra do escritor, nas décadas de 80 e 90 do século XX.

¹³ OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 17.

representação desses grupos se dá pela ótica da monstruosidade, pois os retirantes eram o vistos como figuras que modificavam a paisagem urbana.

Assim, para Roger Chartier, quando este fala de “representação”, lança mão de uma percepção que o sujeito histórico exerce sobre a realidade, essa possibilidade de leitura se processa com o enraizamento que a realidade mantém com a obra e o escritor. Deste modo, segundo Chartier, representação: “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler”.¹⁴

No entanto, o conceito de “representação” não tem como objetivo tratar da fidedignidade a exemplo de *Luzia-Homem* com a realidade social retratada, essa noção é forjada a partir de elementos narrativos que perpassam a produção de um texto literário, como a linguagem, a memória e a condição social onde a obra foi produzida, mas que em suma se distanciam da realidade propriamente dita. Sobre esta questão fala-nos, José D’Assunção Barros:

Em que pesem as contribuições que o historiador possa extrair deste tipo de semiótica estruturalista que procura examinar exclusivamente em si mesmo, desprezando as referências externas, a verdade é que sempre será muito importante para um historiador “contextualizar” o texto com qual está trabalhando. Todo texto é produzido em um lugar que é definido não apenas por um autor, pelo seu estilo e pela história de vida deste autor, mas principalmente por uma sociedade que o envolve, pelas dimensões desta sociedade que penetram no autor, e através dele no texto, sem que disto ele se perceba. Uma época, uma sociedade, um ambiente social, (rural, urbano), uma Instituição, uma rede de outros textos às quais o autor deverá se conformar, as regras de uma determinada prática discursiva ou literária, as características do gênero literário em que se inscreve o texto – tudo isto constrange o autor que escreve o texto, deixando nele suas marcas a princípio indeléveis, mas que devem ser pacientemente decifradas pelos historiadores e outros analistas de textos.¹⁵

Para D’Assunção Barros, desprezar elementos externos à análise de uma fonte como a literária é sem dúvidas comprometedor à pesquisa. O historiador deve ter em mente que “contextualizar” a produção literária dentro do microcosmo em que a mesma surgiu, é, portanto, fundamental para mapearmos perfis caracterizadores da escrita de um texto. Ou seja, a sociedade também fábrica a obra, pois a realidade é inerente à constituição do romance.

¹⁴ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 50.

¹⁵ BARROS, José D’Assunção. *O campo da história: especificidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 137.

Domingos Olímpio...

Deste modo, a Sobral que prevaleceu entre representações, esquecimentos e lembranças é a “cidade dos intelectuais”. É o espaço do qual Domingos Olímpio por meio da arte buscou inserir no cotidiano uma dinâmica de aceitação da literatura, do teatro e dos costumes que eram tidos como os valores éticos-morais naquele final de século XIX, é a representação da “cidade ideal”, mas é também uma tentativa de conectar uma elite com as tendências de seu tempo.

Assim sendo, a década de 1870, foi um período que a Província do Ceará passou por mudanças de caráter de valorização das artes. Nessa época, surgiram instituições como a Academia Francesa, em Fortaleza, em 1872¹⁶. Domingos Olímpio regressou ao Ceará no mesmo ano vindo do Recife. Formado em Direito foi contemporâneo de Tobias Barreto e Castro Alves, poetas e abolicionistas negros de envergadura e posição social, importantes no debate acerca do fim da escravidão.

Portando, logo após seu regresso à Sobral em 1872, Domingos Olímpio passou a exercer atividades abolicionistas e jurídicas na cidade, sendo nomeado promotor público em 1875. Cabe lembrar que a “Lei do Ventre Livre”, havia sido sancionada pelo governo imperial em 1871. O tema proporcionou debates acirrados no cenário político brasileiro, e de certo modo, delineou os caminhos ideológicos que Domingos Olímpio seguiria na sua trajetória como político.

Pe. Sadoc de Araújo ilustra bem a participação de Domingos Olímpio na *Sociedade Manumissora Sobralense*, formada por abolicionistas da cidade de Sobral em 1871:

22 de janeiro (Domingo): Houve sessão solene da “Sociedade Manumissora Sobralense” pelo Dr. Tomás Antonio Paula Pessoa. Na ocasião discursaram o Dr. Virgílio de Moraes, Dr. João Adolfo Ribeiro da Silva, Dr. Antonio Sabino do Monte, Dr. Francisco de Paula Pessoa Filho e o acadêmico Domingos Olímpio. Foi uma memorável reunião em defesa da libertação dos escravos do Brasil.¹⁷

O jovem Domingos Olímpio ainda era acadêmico quando participou da reunião da entidade. Lá, ele conheceu intelectuais engajados na causa abolicionista. Portanto, a escravidão foi um tema comum em sua produção literária. A circulação do escritor nestes espaços de

¹⁶ A Academia Francesa foi criada em 1871, e contou com a participação de “cearenses ilustres”, como Capistrano de Abreu e Thomás Pompeu Sobrinho. Participaram ainda Tristão de Alencar Araripe Jr., João Lopes Ferreira Junior, Antonio José de Melo. A Academia Francesa deixou de se reunir em 1875.

¹⁷ ARAÚJO, Francisco Sadoc. *Cronologia Sobralense*, op. cit., p. 225.

transmissão de valores positivistas, republicanos e abolicionistas foi sem dúvida um traço facilitador da recepção do autor de *Luzia-Homem*.

Logo, a convivência com intelectuais atuantes no cenário político parece ter despertado em Domingos Olímpio o engajamento na luta contra a escravidão. Possivelmente, por essa razão o abolicionismo do autor influenciou a escrita do romance *O Negro*, produzido quando estava no Rio de Janeiro e também em seu posicionamento político, quando decidiu tornar-se partidário do republicanismo. Neste sentido, Carmélia Aragão comenta essa fase da vida do escritor sobralense:

Formado bacharel em 1873, regressou ao Ceará, onde exerceu intensa atividade jornalística como abolicionista e republicano. Em 1875, foi nomeado promotor de Sobral onde permaneceu até o final da Grande Seca de 1877-79 conhecendo a miséria dos retirantes retratados em *Luzia-Homem*. Durante sua permanência nessa cidade encenou também muitas de suas peças no Teatro Apolo, fundado por ele e alguns companheiros. Porém, a oposição ao governo dos Acioli obrigou-o a exilar-se, em 1879, em Belém do Pará, transferindo-se para o Rio de Janeiro, capital do País, apenas em 1891.¹⁸

A valorização da cultura e da arte têm seu “nascimento” concretizado em Sobral, com a fundação do Teatro Apolo em 1872. Domingos Olímpio foi um dos idealizadores do projeto desse espaço, no qual foram apresentadas algumas de suas peças. A necessidade de expor suas interpretações sobre seu tempo, levaram-no juntamente com a “União Sobralense”,¹⁹ a almejar um local que fosse digno de falar de literatura, arte, ciência, poesia e política.

Observa-se no trecho do noticiário de um jornal de Sobral da década de setenta do século XIX, as primeiras referências às encenações de peças de Domingos Olímpio no Teatro Apolo, “6 de junho (Domingo): Editorial do ‘*O Sobralense*’ sugere a criação de uma biblioteca em Sobral. No teatro Apolo é encenada a comédia ‘Os Maçons e o Bispo’, de autoria do Dr. Domingos Olímpio”.²⁰ Neste trecho, percebemos Domingos Olímpio tratando de forma

¹⁸ ARAGÃO, Carmélia Maria. *Luzia-Homem: aspectos da crítica sobre uma obra*. Dissertação (Mestrado) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008, p. 30.

¹⁹ A União Sobralense foi fundada na década de setenta do século XIX. Seu objetivo era incentivar e valorizar uma cultura letrada na cidade a partir de um conjunto de iniciativas econômicas como a construção do Teatro São João, esse desejo partiu do próprio grupo de intelectuais criadores da instituição. SILVA JÚNIOR, Agenor Soares. *Cidades Sagradas: da “Roma cearense” à “Jerusalém Sertaneja”*, a Igreja Católica e o desenvolvimento urbano no Ceará (1870-1920). Sobral: Ecoa. 2016.

²⁰ ARAÚJO, Francisco de. *Cronologia Sobralense*, op. cit., p. 254.

Domingos Olímpio...

pitoresca o conflito entre a Igreja católica e a Maçonaria,²¹ uma tensão que gerou polêmica na Corte do imperador D. Pedro II. Assim, os espaços de sociabilidade do autor vão tornando-se claros com sua inserção nas fraternidades de intelectuais das cidades de Sobral e Fortaleza.

Entretanto, o que significa um espaço literário em Sobral nesse contexto? Como o intelectual absorve a ideia de escrever e se distancia do indivíduo? Discutir o espaço literário como elemento transformador do desenvolvimento social de um escritor, tem como objetivo revelar a intimidade do espírito humano em forma de prosa, perpassada pela necessidade de compreender, antes de tudo, a relação autor-tempo. Para o escritor, escrever é uma necessidade inerente ao desejo de expressar em linguagem simbólica a dimensão do próprio eu e daquilo que compõe a realidade. Segundo Maurice Blanchot, o escritor procura esclarecer a necessidade de escrever a partir da dimensão do pessoal.²²

Porém, essa tarefa para o literato não é simples de ser realizada, pois, pela dor ou felicidade o escritor escreve para satisfazer sua necessidade, e como mencionado anteriormente, o tempo perde sua capacidade de alterar a dinâmica do conceito de escrita. Portanto, Domingos Olímpio escreve pela dor da saudade, pela ausência do tempo que passou e pelo desejo de perenizar na escrita momentos de um passado cristalizado em *Luzia-Homem*.

Portanto, a relação de Domingos Olímpio com a literatura e o teatro espaços da manifestação das ideias do autor de *Luzia-Homem*, é fortemente revivida por ele em sua autobiografia citada na obra de João Mendes Lira: *A Vida e Obra de Domingos Olympio*. Os romances e livros de história foram seus “companheiros”, quando chegava o período de férias. Temos aqui um relato sobre seu encontro com Castro Alves:

Ele (Castro Alves) aparecia de calças de enfiar e camisola preta, pois lhe morrera, havia pouco, pessoa de sua família. Trazia a pena atrás da orelha e, na mão uma folha de papel; faliava um cigarro, e recitava com a voz, que era um veludo sonoro, uma estrofe lapidar, acabada de construir; assim tivemos as primazias da “Visão dos Mártires”, recitada dias depois numa tempestuosa sessão solene do “Grêmio Jurídico”. Pouco preocupado com meus estudos, porque eu apenas necessitava de uma pouca de retórica, tinturas de Algebra e noções preliminares de Geometria, atirei-me à leitura de romances: devorava todos os que passavam ao meu alcance; romances estrangeiros; li-os de um fôlego, noite e dia, desde os grandes, os enormes romances intermináveis de Alexandre Dumas pai, e de Eugène Sue. O infinito Rocambole

²¹ Tensão política de 1873 entre a Igreja e o Império, conhecida como “Questão Religiosa” quando se deu o rompimento do Estado Imperial com a Igreja devido à excomunhão de padres que eram maçons, assim como inúmeros estadistas brasileiros.

²² MAURICE, Blanchot. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

de Ponso du Terrali, as sinistras histórias de Paul Feval, as páginas de bronze de Vitor Hugo, os belos livros de G. Dias, e de Paulo de Kork, grande crime-literário numa quadra de exarcebados melindres religiosos e escrúpulo de moral, na qual se liam esses livros canalhas às escondidas.²³

Todos esses romances parecem ter constituído as bases do pensamento de Domingos Olímpio. Esse relato revela a educação recebida pelo escritor em Pernambuco. No entanto, o autor de *Luzia-Homem* também construiria fama na cidade de Sobral e na província do Ceará por suas peças de teatro. Apoiador da construção de um espaço que valorizasse a arte como o Teatro Apolo, participou da organização do grupo de intelectuais desejosos de construir a imagem de uma cidade ligada aos movimentos literários do Ceará, bem como da influência filosófica e política advinda da Academia Francesa de Fortaleza.

Em *Cronologia Sobralense*, Sadoc de Araújo fala-nos da iniciativa do “Club Melpomene” e da inauguração do “Theatro Apollo” em 1872:

26 DE MAIO (Domingo): Por iniciativa do “Club Melpomene”, criado no ano anterior, é inaugurado o “Teatro Apolo” de Sobral, primeira casa de espetáculo do Ceará. Com as dependências totalmente lotadas, a encenação inaugural rendeu 248 mil réis que foram empregados na conclusão da capela de Nossa Senhora das Dores, então em construção (...). 11 DE JULHO (Domingo): No Teatro Apolo de Sobral foi encenado o drama “O Triunfo da Virtude”, de Manuel Leite Machado.²⁴

É neste lugar de produção intelectual que Domingos Olímpio, timidamente, iniciou sua vida de escritor, produzindo peças e espetáculos para o entretenimento da população de Sobral. O teatro de fato, foi uma das maiores paixões do escritor, porém, mais tarde no ano de 1875, juntamente com a “União Sobralense”, formado pelos comerciantes e doutos da cidade de Sobral, daria início à construção de um outro teatro o “São João”:

30 DE MAIO (Domingo): O jornal “Sobralense” informa que “um grupo de comerciantes deseja encampar a construção de um grande teatro e a organização de uma empresa para fazer uma linha de lancha a viajar entre Sobral e o porto do Acaraú nos meses de inverno”. A sociedade chamou-se “União Sobralense”. 31 DE MAIO (2º-feira): A “União Sobralense” presidida pelo Dr. Antonio Joaquim Rodrigues Junior, solicita à Câmara permissão para

²³ LIRA, João Mendes. *A vida e Obra de Domingos Olympio*, op. cit., p. 18.

²⁴ ARAÚJO, Francisco de. *Cronologia Sobralense*, op. cit., p. 237.

construir o Teatro São João, com planta de João José de Veiga Braga e execução do mestre de obras Isidoro Gomes da Ponte.²⁵

Havia um desejo de transformar os espaços de sociabilidade da cidade. Tornando-os ambientes simbólicos da valorização da imagem de intelectualidade que se buscava representar, principalmente da cultura letrada. A empreitada em construir o Teatro São João fez parte do sentimento de homens e mulheres do século XIX, ao pensar e assimilar os costumes vindos da Europa. Portanto, anseios de uma pequena elite rural projetando uma cidade conectada com o que acreditavam ser as práticas civilizatórias de seu tempo.

Além de todas as suas ocupações com a literatura e a dramaturgia, Domingos Olímpio em 1875, também foi nomeado para a promotoria pública de Sobral: “18 de agosto (4º feira): O Dr. Domingos Olímpio assume as funções de Promotor Público de Sobral.”²⁶ Como magistrado sua carreira foi marcada por um trágico assassinato naquele mesmo ano de 1875, na cidade de Sobral. O acontecimento que Domingos Olímpio testemunhou, acabou por influenciar o enredo da obra, *Luzia-Homem*.

As tragédias, como o próprio Domingos Olímpio citou, transformaram-se no mote da sua escrita naturalista. O deslocamento do autor entre os círculos elitistas da cidade de Sobral se configura como os espaços de diferenciação que Roger Chartier chamou de “função-autor”, conceito utilizado por Michel Foucault para ilustrar as contradições entre o autor e indivíduo:

A função-autor implica, portanto, uma distância radical entre o indivíduo que escreveu o texto e o sujeito ao qual o discurso está atribuído. É uma ficção semelhante às ficções construídas pelo direito, que define e manipula sujeitos jurídicos que não correspondem a indivíduos concretos e singulares, mas que funcionam como categorias do discurso legal. Do mesmo modo, o autor como função do discurso está fundamentalmente separado da realidade e experiência fenomenológica do escritor como indivíduo singular. Por um lado, a função-autor que garante a unidade e a coerência do discurso pode ser ocupada por diversos indivíduos, colaboradores ou competidores. Ao contrário, a pluralidade das oposições do autor no mesmo texto pode ser referida a um só nome próprio.²⁷

Na citação acima, observa-se a “função-autor” separada do indivíduo enquanto sujeito-social e inserido em instituições que reforçam a figura do escritor e do homem público.

²⁵ Idem, p. 298.

²⁶ Ibidem, p. 257.

²⁷ CHARTIER, Roger. *Literatura e História. Topoi*, vol. 1, n. 1, p. 197-216, 2000.

Portanto, o discurso como prática de legitimação do autor não compactua com a lógica de que, o sujeito é o mesmo que fábrica a obra. Esta questão fica clara quando nos deparamos com o jornalista Domingos Olímpio e o romancista, duas noções distintas de produção discursiva do mesmo sujeito histórico.

De todo modo, no Rio de Janeiro de 1891 até 1906, ano de sua morte a principal atividade de Domingos era escrever em periódicos como *O Paiz*, *Cidade do Rio* e *Gazeta de Notícias*. O autor usava de um jornalismo crítico, sobretudo, aos monarquistas. Sua carreira literária foi alicerçada sob esse dualismo de conflitos políticos-ideológicos com os grupos dominantes de seu tempo. O exílio no Pará, em 1880, ocorreu mormente por se opor a política governamental, “Aciollylina”. O seu partidarismo levou-o a conquistar inimigos em virtude do caráter político de seus textos e por sua oposição aos grupos dominantes, mesmo ele fazendo parte dessa esfera social. A oposição se deu pelo momento que a província vivia, e influenciado pela Academia Francesa adversária das oligarquias acabou tendo que deixar o Ceará para exilar-se no Pará.

Assim, Domingos Olímpio foi adepto dos ideais surgidos na Europa, a exemplo da Academia Francesa, teve atuação contrária em relação a política de revezamento das castas familiares da província, além de serem detentoras do poderio político-militar, seus compartes também compunham essa estrutura, que se beneficiava do poder público para legislar em favor dos pequenos grupos. Portanto, essa disputa pelo controle político da província foi um dos agravantes que levou à rivalidade entre o escritor e a família Pompeu Accioly. Sobre o tema, Gleudson Passos, afirma:

Entretanto, em meio à grande massa de analfabetos desprovidos de bens materiais e intelectuais, entre os poucos letrados que para sobreviver foram trabalhar nas redações dos órgãos facciosos, essas famílias mantiveram ileso a estrutura de poder em favor dos grandes proprietários de terra e dos opulentos comerciantes na província do cearense. Cada uma liderou uma facção oligárquica que não poupou esforços para materializar seus interesses.²⁸

A adesão dessas famílias, serviu de base para que grupos políticos lutando entre si pela estrutura de poder da província, mantivessem benesses para proprietários de terras e

²⁸ CARDOSO, Gleudson Passos. *Práticas letradas e a construção do mito civilizador: “Luzes”, seca e abolicionismo em Fortaleza (1860-1930)*. Fortaleza: Museu do Ceará; SECULT, 2016, p. 32.

Domingos Olímpio...

comerciantes. Aqueles que discordavam de tais práticas, como a corrupção nas camadas elitizadas da sociedade cearense se mantinham ligados a outros órgãos dos potentados locais e eram perseguidos pela sua oposição. Domingos Olímpio, possivelmente era partidário de algum desses grupos antagônicos à família Pompeu Accioly, sendo o fator que desencadeou sua saída do Ceará em 1880.

A respeito da década de setenta do século XIX, Gleudson Passos menciona a situação política no Ceará:

Sabe que, durante o período imperial, as famílias Fernandes Vieira, Cunha Freire, Paula Rodrigues e Pompeu Accioly foram as principais protagonistas na vida política cearense. Concentrando poderes ao do revezamento entre os ministérios liberais e conservadores na Corte, elas se envolveram em disputas acirradas em prol do monopólio dos bens públicos na antiga Província do Ceará.²⁹

O monopólio da máquina provincial sob a gestão das famílias influenciadoras do cenário político do Ceará foi caracterizado pelo revezamento entre elas, como argumentou Gleudson Passos, quando afirma que elas mantiveram sob a égide da ocupação de cargos políticos a perpetuação e o domínio dos bens públicos da província. Noutra parte, diz o seguinte sobre as alianças entre essas famílias:

Fizeram-se alianças entre elas que só podem ser entendidas sob a ótica do personalismo político: os liberais da família Pompeu Accioly uniram-se aos conservadores da família Cunha Freire em oposição aos liberais da família Paula Rodrigues, que estavam unidos aos conservadores da família Fernandes Vieira. Pouco importava o programa partidário e o posicionamento ideológico; antes, estavam de olho no domínio da máquina pública.³⁰

O cenário político na província do Ceará na segunda metade do século XIX, se modelou, sobretudo pela dominação impetradas pelas oligarquias locais, que cientes do papel que poderiam desempenhar fizeram dos consórcios a alcunha para cimentar o mando político-militar da província. A preocupação estava em manter o braço forte desses grupos sob a máquina pública gerando recursos para comerciantes, fazendeiros e grupos oligárquicos.

²⁹ Idem.

³⁰ Ibidem.

Domingos Olímpio se opôs a essa política de “consórcios”, realizada por estas famílias. É sabido que o escritor exerceu atividade jornalística na cidade de Sobral na década de setenta do século XIX, momento em que os embates políticos entre os intelectuais republicanos, positivistas e abolicionistas se acirraram com a situação dominante:

Domingos Olímpio, apesar de jornalista, romancista e excelente advogado não conseguiu desvencilhar-se da política que era um dos três motores da sua vida. Adversário dos Accioly que lhe acionaram a política cearense por muitos anos, não se dava por vencido. Reverberava-os fortemente pela imprensa. Não conseguindo uma posição satisfatória achou melhor ir para a Capital Paraense.³¹

Temos nesta passagem um elemento interessante, Domingos Olímpio foi considerado um exilado, mas na citação o autor argumenta que ele foi para a capital paraense por não ter conseguido uma posição satisfatória perante a situação política do Ceará. Portanto, a narrativa aqui é tratada pela insatisfação do autor com a política local, conseqüentemente, o palco dos ataques eram os jornais, infelizmente não são citados pelo Padre João Mendes Lira para corroborar a afirmação.

Sobre a “guerra nos jornais” naquele contexto histórico, Gleudson Passos assevera: “[...] Predominavam ainda os jornais ligados aos potentados familiares, verdadeiras trincheiras político-partidárias na tentativa de formarem naquele território os segmentos sociais de opinião pública, favorável aos seus interesses para perpetuarem-se na máquina pública provincial³²”. Portanto, a “opinião pública”, estava a reboque do material político-partidário publicado pelos jornais da cidade de Fortaleza, favorecendo assim, os régulos locais, que também eram proprietários de alguns destes periódicos.

Espaços do narrador: Domingos Olímpio e um romance entre dois mundos

Durante praticamente toda sua vida profissional, Domingos Olímpio exerceu como atividade laboral o jornalismo, escritor de crônicas ácidas, suas análises da conjuntura social da época levaram-no a Capital Federal, onde sua prosa crítica ganhou destaque com a participação

³¹ LIRA, João Mendes. *A vida e Obra de Domingos Olympio*, op. cit., p. 12.

³² CARDOSO, Gleudson Passos. *Práticas letradas*, op. cit., p. 31.

Domingos Olímpio...

no governo de Campos Salles. Domingos Olímpio se lançou no cenário nacional com artigos semanais na coluna “As segundas de Pojucan”, no jornal *O Paiz*.

O jornal *Liberdade*, na sua edição de 22 de setembro de 1896, faz referência a uma das crônicas de Pojucan, pseudônimo assinado por Domingos Olímpio no referido periódico:

As segundas de Pojucan oferecem leitura agradável... para os republicanos. O chronista quis tirar partido da supposta desharmonia no seio do partido monarchista de S. Paulo. Vá bater em outra freguesia, irmão... Se dissidencia houve entre os monarchistas paulistanos, foi de poucos dias. Hoje os nossos correligionarios estão de novo unidos como um só corpo, e continuam a batalhar desassombradamente em prol da santa causa da restauração. Ainda mesmo que a desharmonia perdurasse, não acredite o “Paiz”, que Dr. João Mendes, ou o Dr. Eduardo Prado se convertesse por isso ao republicanismo. São Homens de character firme, de tempera rija, incapazes de mudar de opinião como muda de camisa. Monarchistas, hoje, serão monarchistas sempre.³³

Na citação acima observa-se uma crítica a coluna de Domingos Olímpio, “As segundas”, escrita em tom de desagrado por parte do assinante do jornal *Liberdade*, claramente partidário da monarquia responde a tentativa de “Pojucan” de criar um ambiente de instabilidade entre os adeptos do partido monarchista de São Paulo. Outra questão abordada é o embate político entre monarchistas e republicanos, pois no final do século XIX, havia por parte dos defensores do Império de D. Pedro II um sentimento de restauração da Monarquia no país.

Voltando a carreira jornalística do sobralense no Ceará, Pe. João Mendes Lira, fala-nos a respeito da vida de Domingos Olímpio ainda na cidade Sobral, nos anos de 1872-1880:

Todo esse período imediatamente posterior ao seu bachalramento se caracterizou por uma intensa atividade jornalística – de jornalismo literário e sobretudo político. Adversário dos Acciolys, da situação dominante, viu-se forçado a emigrar, fixando-se em Belém do Pará. Aí advogou, e continuou a atividade política, como jornalista, o que lhe valeu uma cadeira de deputado.³⁴

A vida política do autor de *Luzia-Homem* foi um dilema na carreira literária e jornalística. Domingos Olímpio deixou o Ceará depois da “Grande Seca” que acometeu a província durante os anos de 1877-79. A saída de sua terra natal lhe tornou um desterrado. O Pará seria sua primeira estadia e em terras amazônicas se tornou deputado provincial.

³³ *Liberdade*, Rio de Janeiro, 09/06/1896, p. 1.

³⁴ LIRA, João Mendes. *A vida e Obra de Domingos Olympio*, op. cit., p. 23.

A tragédia da seca de 1877-79 ficou marcada em sua memória afetiva. O flagelo climático se transformou no enredo do romance, considerada uma das maiores secas da história do Ceará:

Sobrevivendo a seca dos “três sete”, Domingos Olympio (sic) teve oportunidade de observar todo o quadro social, político, econômico e religioso da cidade, dos que aqui chegavam, dos que governavam a cidade e daqueles que se encarregavam da distribuição dos alimentos e da ordem pública. Observou, ainda como no meio desta tragédia era possível o amor e o ódio, a confiança e o desespero, a fidelidade e a falta de caráter de todos aqueles que eram atores involuntários de um dos maiores fatos sociais da última quinzena do século XIX [...]. Estas imagens nunca saíram da sua imaginação. E foram elas que lhe serviram de elemento para a sua obra que todo o Brasil conhece.³⁵

No entanto, sua produção intelectual não saiu incólume as acusações de seus contemporâneos, o romance foi alvo daqueles que viam na história uma tentativa de explorar o trágico momento que o povo cearense vivenciou com objetivos políticos. Denunciado por apoiar os projetos de abuso aos retirantes, Domingos Olímpio foi injuriado por questões que envolviam práticas de nepotismo e coronelismo durante a seca, como se constata no trecho a seguir:

Domingos Olímpio também não saiu incólume à crítica ideológica, acusado de conivência com a miséria dos retirantes, com patriarcalismo, o nepotismo e o coronelismo gerados pela “indústria da seca”. Também foi apontado pelas questões de gênero ao escrever a história de uma “homossexual”, ou de não ter a “coragem” fazê-lo, como afirma categoricamente Wilson Martins.³⁶

A publicação do romance *Luzia-Homem* teve diferentes percepções da crítica à época de seu lançamento em 1903. Assim, se observa que a obra não teve unanimidade entre os críticos e nem seria de se esperar, levando em consideração o ambiente político do Rio de Janeiro naquele início de século XX. Assim, por alguns de seus pares foi acusado como vimos na citação acima de manter práticas de favorecimento aos grupos políticos quando era promotor público em Sobral e de retratar em seu livro um cenário devastado, com o objetivo

³⁵ Idem.

³⁶ ARAGÃO, Carmélia Maria. *Luzia-Homem*, op. cit., p. 13.

Domingos Olímpio...

de arregimentar a chamada “Indústria da Seca”. Esse termo foi criado posteriormente para se referir a tentativa de angariar recursos à província usando a seca como palanque de verbas.

Destarte, pelo exposto vê-se a tensa relação de Domingos Olímpio com a política no Ceará. Ele foi um intelectual ligado aos grupos aristocráticos de sua época, tanto em Sobral, como no Pará e no Rio de Janeiro. Domingos Olímpio a circular por esses diferentes estados e espaços de diferenciação acabou sendo um auxiliar no processo de produção de seus romances: *Luzia-Homem*, *O Almirante* e *O Negro*.

Traços negativos da vida do autor não foram problematizados ou discutidos em trabalhos anteriores, como, por exemplo na biografia de João Mendes Lira. Ao contrário, o discurso corrente procurou amenizar práticas dúbias do escritor. Entretanto, quando Domingos regressou ao Ceará foi reforçada a imagem do causídico em detrimento do político e jornalista, como é possível observar nesta passagem:

A principal atividade do romancista de *Luzia-Homem* não foi, entretanto, a literatura. Desde que se formou, exerceu, quase ininterruptamente a profissão de advogado. Exerceu-a sempre com honestidade e verdadeiro devotamento às causas de que era patrono. Longe dele o puro profissionalismo, mercantilização do direito. Possuía como raros o sentimento humano da sua tarefa; dava-se-lhe de corpo e alma.³⁷

Observa-se na citação acima, uma tentativa de legitimar a imagem do jurista. Nela há uma construção discursiva sobre a sua condição de promotor, que mantém seu caráter íntegro perante as leis, sempre preocupado com a população mais pobre e desfavorecida.

Por mais que Domingos Olímpio tenha sido um erudito engajado, sua relação com os seus contemporâneos foi conflituosa. Os ataques advindos por conta de seu tom irônico, angariou-lhe mais tarde o esquecimento literário e, também, o tornou um escritor sem articulação com os agrupamentos literários do seu tempo. Porém, seguiu as tendências da época, criticou os grupos rivais, vivenciou o fim do Império e a inserção da população negra na sociedade brasileira sem nenhuma assistência. Após o fim da escravidão, registrou esses temas do cotidiano político da capital federal, tendo como meio de comunicação as crônicas em jornais.

³⁷ LIRA, João Mendes. *A vida e Obra de Domingos Olympio*, op. cit., p. 24.

Entretanto, é interessante esclarecer que o escritor, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1891, dois anos após o golpe republicano. Na capital da primeira república, destacou-se por textos em jornais como o *Paiz*, *Gazeta do Rio*, *Cidade do Rio*, *O Commercio*, *Kosmos*. Em 1903, publicou o romance *Luzia-Homem*, obra de tradição regionalista-naturalista que retratava a vida dos retirantes durante a seca de 1877-79, na cidade de Sobral. No ano de 1904, fundou a revista *Os Anais: semanário de literatura, arte, ciência e indústria* com colaboradores como Tristão de Araripe Jr., Adolfo Caminha e Antonio Salles.

A participação em governos locais no Pará, como deputado provincial e posteriormente no Rio de Janeiro como agente de fiscalização do governo Campos Salles foi uma demonstração da capacidade de Domingos em se articular entre as camadas políticas dominantes: “No governo Floriano, fez parte da missão Rio Branco, que defendeu os direitos do Brasil na questão das Missões. No quadriênio de Prudente de Moraes foi nomeado fiscal de loterias, cargo do qual se demitiu por injunções políticas com o Campos Salles.”³⁸

Portanto, a diplomacia e a participação no círculo político e republicano do Rio de Janeiro o transformou em um intelectual de posições fortes:

Foi Domingos Olympio um admirável “causer”: interessante, vivo, movimentado. Contam íntimos seus que era desses que quase não deixam ninguém falar, mas todos os se deliciavam em ouvi-lo. Extraordinariamente pilhérico, gostava muito de anedotas, que narrava como poucos, e em casa costumava fingir-se doente, para assustar a família e rir depois da peça pregada. Já nos últimos tempos de sua vida, seriamente abalada a [sic] saúde por uma moléstia nos rins, o romancista, vencendo às agudas dores, abandonava o trabalho; mas, na intimidade do lar, exagerava o sofrimento, fazia-se de agonizante, só pelo gosto de pilheriar.³⁹

No trecho citado, Domingos Olímpio é representado como um articulador de retórica poderosa, dotado de uma escrita irônica como a que citou João Mendes Lira. Deste modo, em sua coluna, “As segundas de Pojucan” em *O Paiz*, Domingo Olímpio, acirrava as tensões entre os periódicos da cidade do Rio de Janeiro que acabara de tornar-se a capital da República, com crônicas dos mais variados temas o romancista conseguia a partir dos textos, tecer análises sobre assuntos de interesse público. A coluna foi comentada pelo jornal *Cidade do Rio*, a crônica refere-se a Pojucan, pseudônimo do escritor cearense:

³⁸ Idem, p. 23.

³⁹ Ibidem, p. 24.

Pobre Pojucan! Como estão deshonrando a columna que illuminavas com o teu admirável estylo, com teus conceitos tão justos!... Figaro, um pobre barbeiro, deixou a navalha com que esfolava a cara dos (ilegível), e, por indicação do mestre Quintino, e: l-o deitando o verbo á Marioni, que, inconsciente, vaes editando as suas asneiras... Pobre Pojucan! Que bom substituto te deram! Não se vêem mais naquella 1° columna as joi s do teu escriptorio de chronista emerito; mas o bagaço da alfafa que o conscinante joga fora, tirado o succo.⁴⁰

Na crônica, o periódico *Cidade do Rio*, fundado por José do Patrocínio, inicia seu texto com seguinte observação: “nosso objetivo é falar mal da república quando fosse necessário”. Domingos Olímpio era um republicano desde os tempos que estudou no Recife. Entretanto, seu partidarismo político não lhe impediu de fazer críticas ao governo republicano, isto ficou claro quando se demitiu do cargo de fiscal de loterias do governo Campos Salles, principalmente por discordar das posições políticas referente as ações de fiscalização dos jogos na cidade. Essa questão ficou evidente no artigo escrito por Domingos Olímpio no jornal *O Paiz*, na edição de 15 de janeiro de 1896:

Allegam que o bicho é innocente e barato jogo da pobreza, que a polícia persegue os pequenos e tolera os grandes e que melhor empregaria o seu zelo pela moral publica extinguindo as casas de jogo onde passam as noites de família, comprometendo o futuro da prole, e viciosos apodrecendo moral e physicamente na depreavação mais abjecta. A polícia deve saber onde encontrar as casas de tavolagem, mas considera que o asylo do cidadão mesmo quando transformado em abrigo do crime, é inviolável e sagrado. A bicharia perseguida apenas se espanta e retrahe-se para apparecer, quando a polícia cansar, mais atrevida e sedutora, com o irresistível encanto do fructo prohibido⁴¹.

O texto acima apresenta um teor de reprovação ao “Jogo do Bicho” e o discurso moralista considerava tal prática uma violação dos “bons costumes” da sociedade, haja vista que o vício e a depravação afetariam o núcleo familiar. No entanto, logo depois faz uma observação quanto ao *modus operandi* da polícia, para ele o agir dos agentes públicos só favorecia a violência, a perseguição e não diminuía as loterias ilegais, pois os “bicheiros”, retornavam aos locais de onde tinham sido expulsos.

⁴⁰ *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 02/06/1897, p.1.

⁴¹ *O Paiz*, Rio de Janeiro, 15/01/1896, p. 1.

Infere-se que a saída de Domingos do cargo de fiscal de loterias guarde alguma relação com a suposta política de perseguição aos pobres, perpetrada no governo Campos Salles, aqui o governo parece estar preocupado com valores éticos e morais, mas o objetivo era arrecitar mais impostos sob jogos clandestinos. Deste modo, Domingos Olímpio, um escritor influenciado pelas correntes estéticas de seu tempo compreendia que os cassinos e jogos clandestinos eram sinônimos de uma sociedade distante do modelo civilizacional desejado, sobretudo de valorização dos costumes citadinos, que estavam sendo disseminados nos centros urbanos do país.

Considerações finais

Destarte, a carreira literária de Domingos Olímpio teve a influência de escritores que foram seus contemporâneos, como Adolfo Caminha, Araripe Jr., Antonio Salles, Francisca Clotilde, Rodolpho Teófilo, Machado de Assis, José de Alencar e Euclides da Cunha, escritores que tiveram prestígio no seu tempo. Ele circulou pelos espaços literários de sua época com o intuito de aperfeiçoar e garantir benesses para sua posição e *status* social. Porém, jamais conseguiu galgar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, criada pelo escritor de *Memórias Póstumas de Brás Cuba*.⁴² O autor de *Os Maçons e o Bispo*, peça lançada no Teatro São João em Sobral escreveu crônicas e romances, sendo um intelectual ativo nos espaços de afirmação da intelectualidade cearense.

Domingos Olímpio vivenciou tempos turbulentos como o flagelo da seca de 1877-79, mas também viu vitórias, pois ele, como abolicionista sonhava com a liberdade dos cativos. Mesmo que essa promessa de lançar o Brasil nos trilhos da modernidade tenha sido o escopo dos homens do século XIX, Domingos Olímpio conservou em seus escritos o regionalismo e os costumes do sertanejo, um catolicismo popular baseado nas crenças indígenas e dos negros. Os desfavorecidos e a figura feminina fizeram parte de suas temáticas na obra *Luzia-Homem*, fundamental para chamada “literatura das secas”.

Do exílio na Amazônia ao político em Belém do Pará, ao cronista de uma república ainda jovem, que carregava consigo as mazelas deixadas de herança pelo Império, uma república que

⁴² Machado de Assis é considerado o maior escritor da literatura brasileira, com obras como *Memórias Póstumas de Brás Cuba* e *Helena*. Tendo sido o idealizador da Academia Brasileira de Letras, fundada em 1892 na cidade do Rio de Janeiro, sendo ele, o primeiro imortal da instituição.

Domingos Olímpio...

parecia não ser mais a salvação dos intelectuais. Domingos Olímpio testemunhou a “Guerra de Canudos” e as transformações de um Rio de Janeiro mergulhado em violência e revoltas. Tudo isso serviu de referências para o livro que seria identificado com uma literatura profundamente preocupada em responder as aflições da sociedade do início do século XX.

Referências bibliográficas

ARAGÃO, Carmélia Maria. *Luzia-Homem: aspectos da crítica sobre uma obra*. Dissertação (Mestrado) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense*. Volume III (1840-1880). 2ªed. Sobral: Imprensa Universitária; Fundação Vale do Acaraú, 2015.

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *História da literatura em Sobral*. Sobral: Imprensa Universitária, 2011.

BARROS, José D’Assunção. *O campo da história: especificidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2019.

CARDOSO, Gleudson Passos. *Práticas letradas e a construção do mito civilizador: “Luzes”, seca e abolicionismo em Fortaleza (1860-1930)*. Fortaleza: Museu do Ceará; SECULT, 2016.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. *Literatura e História*. *Topoi*, vol. 1, n. 1, p. 197-216, 2000.

CORDEIRO, Celeste. O Ceará na segunda metade do século XIX. In: SOUSA, Simone (Org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015.

GIRÃO, Glória Mont’Alverne. *A ferrovia e a cidade: desafios da modernidade em Sobral (1870-1920)*. Sobral: Ecoa, 2015.

GIRÃO, Glória Mont’Alverne. *As transformações socioculturais em Sobral (1870-1920)*. Dissertação (Mestrado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

LIRA, João Mendes Lira. *A vida e a obra de Domingos Olympio*. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1977.

MAURICE, Blanchot. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

MELO, Francisco Dênis. Os intelectuais da academia sobralense de estudos e letras (ASEL) e a invenção da cidade letrada (1943-1973). Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA JÚNIOR, Agenor Soares. *Cidades Sagradas: da “Roma cearense” à “Jerusalém Sertaneja”, a Igreja Católica e o desenvolvimento urbano no Ceará (1870-1920)*. Sobral: Ecoa. 2016.

Recebido em: 11.06.2021

Aprovado em: 10.12.2021